

Infâncias fragmentadas: crianças no contexto de guerra, em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto

Rita Vaneide da Silva Andrade*

Resumo: Este artigo tem como proposta uma análise dos personagens Muidinga e Junhito, do romance *Terra sonambula* (2008), do escritor moçambicano Mia Couto, enfocando a infância e sua aparente fragmentação. Para uma melhor compreensão do tema, enveredamos pelos estudos do historiador francês Philipès Airès, (1981), do filósofo Rousseau (1999), da estudiosa Kramer (1999), da pesquisadora Elena Colonna (2009), da mestrandia Pastore (2015) e da ativista moçambicana Graça Machel (1996). Verificou-se, por meio de pesquisa, análise e interpretação de materiais bibliográficos, que o ambiente gerado, a partir dos conflitos de guerra, influenciam negativamente na elaboração da infância, no que se refere à personalidade, ao caráter e à identidade das crianças.

Palavras-chave: Criança; Infância; Guerra civil; Moçambique.

Abstract: This paper aimed the analysis of the characters Muidinga and Junhito from the novel *Terra Sonâmbula* (2008), authored by Mia Couto, Mozambican writer, focusing childhood and its apparent fragmentation. For a better comprehension of the subject, some scholars were studied as the French historian Philipès Airès, (1981), the philosopher Rousseau (1999), the researcher Kramer (1999) and Elena Collona (2009), the Master student Pastore (2015) and the Mozambican activist Graça Machel (1996). The results presented by this research, analysis and bibliographical reading indicated that the environment created upon the war conflicts influenced negatively the construction of childhood, in what it refers to personality, character and identity of children.

Key-works: Child; Childhood; Civil war; Mozambique.

1- Considerações iniciais

Por meio de escritos literários, o homem vem revelando sua visão de mundo, ao longo do tempo. É possível observar a trajetória social, política, religiosa, geográfica, histórica e ambiental da humanidade através da transfiguração da realidade que a literatura proporciona. Esta arte, que (re)produz os fenômenos e mistérios que cercam a vida, consegue, por meio de sua força simbólica, transcender ao tempo e ao espaço. Por estas razões, é possível escolher uma obra literária para a realização da pesquisa aqui proposta.

Este estudo concentrou-se na infância e em sua aparente fragmentação. Para tanto, foram analisados os personagens infantis Muidinga e Junhito, do romance *Terra Sonâmbula*

*Graduanda em Letras- Licenciatura em Português- pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Este trabalho foi desenvolvido na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II sob a orientação da Pr^{fa} Dr^a Izabel Cristina dos Santos Teixeira.

(2008), do escritor moçambicano Mia Couto. A partir de sua exposição, far-se-á uma reflexão sobre a problemática do aliciamento e participação (forçada) de crianças nos conflitos armados, em cenas de guerra que, no caso do romance *Terra sonâmbula* (2008), refere-se à guerra civil, em Moçambique (1976-1992).

Para uma melhor compreensão desse tema, este trabalho envereda pelos estudos do historiador francês Philippe Airès que, em seu livro *História social da criança e da família* (1981) traça um perfil da infância, nas sociedades ocidentais, desde a Idade Média até a modernidade. Também foi levado em conta o que há no pensamento do filósofo Rousseau (1999) que, na obra *Emílio ou da Educação*, faz uma reflexão acerca do olhar do adulto sobre a criança e a infância do século XVIII. Além dos autores citados, foram investigadas a pesquisa de Elena Colonna (2009) a respeito do lugar da criança nos estudos africanos, e o relatório “Os Impactos dos Conflitos Armados nas Crianças” (Relatório A/51/306), elaborado por Graça Machel, em 1996, a pedido do então Secretário-Geral das Nações Unidas, Boutros Boutros-Ghalie.

A motivação para este trabalho surgiu a partir do contato com as histórias dos personagens infantis Muidinga e Junhito que, dentro da narrativa do supracitado romance, têm suas vidas seguindo no contexto da guerra. Dessa leitura, emergiram os seguintes questionamentos: Como as crianças, em meio à guerra, vivenciam a infância? E a criança, na África, pode ser compreendida em modos idênticos aos do Ocidente?

O interesse em analisar este tema deveu-se, sobretudo, à necessidade de compreender como os acontecimentos violentos perpassam a vida das crianças e como elas se desenvolvem nestes contextos. Assim, este trabalho abordou a infância, não como um conceito vazio, mas sim, como uma categoria a ser reconhecida com características próprias e que necessita de tratamento específico que corresponda às suas particularidades.

2- Conceito de “infância” nas sociedades ocidentais.

A infância ocidental é estabelecida com base no que preconiza a Convenção dos Direitos da Criança (Nações Unidas, 1989)¹. Encontram-se, em seus escritos, indicações de

¹A Convenção dos Direitos da Criança é o mais amplo tratado internacional de direitos humanos já ratificado na história. A Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Convenção sobre os Direitos da Criança – Carta Magna para as crianças de todo o mundo – em 20 de novembro de 1989, e, no ano seguinte, o documento foi oficializado como lei internacional. Foi ratificado por 196 países.

Disponível em < https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm > acesso em: 19/07/2017

que toda criança possui o direito de viver em segurança, sem preocupações com os problemas dos adultos e de ser respeitada como pessoa integrante de uma determinada sociedade. Não pode exercer atividades trabalhistas, sendo suas únicas ocupações estudar e brincar. Os detentores de sua guarda são os responsáveis por ampará-la e sustentá-la, até os dezoito anos, idade em que estará desenvolvida física e mentalmente, pronta para assumir o controle de sua vida.

Porém, essa concepção de criança é relativamente nova. Até conseguir ser reconhecida como sujeito histórico social e ter sua infância considerada como categoria com características próprias, o conceito ocidental de criança passou por um longo processo, como é possível constatar nas considerações de alguns pensadores ocidentais citados na sequência.

De acordo com o pensamento de Ariès (1981), embora tenha existido nas civilizações clássicas uma distinção entre as categorias infantis e adultas; durante a Idade Média, não houve essa diferenciação. Os medievais eram alheios à separação das idades. Não diferenciavam os períodos do desenvolvimento humano, em fases, por isso, não dispensavam à criança um tratamento específico que correspondesse à sua consciência infantil e às suas especificidades.

Para as sociedades tradicionais europeias, a palavra “infância” não representava nenhuma significação. As crianças eram enxergadas e tratadas como adultos em miniaturas, participavam de todos os eventos da sociedade: celebrações, julgamentos, execuções, sem nenhuma restrição. Passava pouco tempo junto da família; assim que adquiria um pouco de independência física, era introduzida no meio adulto, sem nenhuma preparação. Como nos esclarece Ariès (1981):

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (ARIÈS, 1981, p,03)

Para averiguar a (in) existência do sentimento de infância, o historiador realizou uma pesquisa iconográfica, investigando e analisando as telas e retratos da época. O estudo lhe revelou que os infantes eram retratados com traços físicos e vestimentas semelhantes às dos adultos.

Somente no século XVIII, surgem as primeiras manifestações de reconhecimento da criança como um ser vulnerável susceptível a cuidados e proteção. Entre os vários estudiosos

que escreveram algo sobre a infância, no século supracitado, o destaque vai para Jean Jacques Rousseau que, por meio da obra *Emílio, ou, Da Educação* (1995), percebe a criança em seu próprio mundo e não como uma simples réplica do adulto. A partir dessa visão, o filósofo inicia um processo de renovação de antigos conceitos e teorias sobre a infância.

Para Rousseau (1995), a infância compreende a fase em que a criança é livre, com movimentos espontâneos e inocentes. Uma etapa da vida que possui características próprias que devem ser cultivadas de forma a contribuir para o desenvolvimento corporal e intelectual da criança. Dessa forma, o autor antecipou teorias sobre o desenvolvimento cognitivo e moral desses seres, quebrou paradigmas e desencadeou novas concepções sobre a criança e a infância.

A partir de suas considerações sobre o desenvolvimento infantil e a importância que os adultos deveriam dar a ele, o ser criança saiu da invisibilidade na qual vivia na Idade Média e passou a desempenhar um papel mais participativo na sociedade.

Com isso, o conceito de infância foi progressivamente se modificando e evoluindo. Esse processo de transformação está intrinsicamente ligado às formas de organização e à sistematização estrutural, econômica e social das sociedades nas quais a criança está inserida. Seguindo esse mesmo pensamento Kramer (2006) assinala que:

A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na comunidade (KRAMER, 2006, p.14).

Desta forma, percebe-se que o processo de reconhecimento e valorização da infância, no Ocidente, foi longo e gradual. Lentamente as sociedades passaram a compreender a infância como um lugar de desenvolvimento social e cognitivo no qual a criança se reconhece como sujeito criador de sua própria história. As crianças passaram a ser consideradas como indivíduos com idade intensamente singular e que, por isso, precisavam ter suas diferenças consideradas em relação à fase adulta.

3- “Infância” em África (Moçambique)

Conceituar a infância africana é uma questão bastante complexa. São raros e escassos os trabalhos que abordam a criança africana, para além do estereótipo de desajustada (fora dos padrões). As poucas produções científicas geralmente tratam o tema como assunto periférico, não lhe confere *status* de objeto central dos estudos. A pesquisadora Helena Colonna (2006),

ao estudar a realidade de crianças que tomam conta de outras crianças nos bairros periféricos de Maputo, em Moçambique, constatou que, apesar de as crianças configurarem, quase a metade da população moçambicana, os documentos que versam sobre elas são pouquíssimos e de difícil acesso. Assim comenta Colonna:

Segundo os dados do Instituto Nacional de estatísticas (2006), a população de Moçambique é estimada em 18.3 milhões de habitantes, dos quais cerca de 8.5 milhões têm idades entre 0 e 14 anos. Isso significa que as crianças constituem cerca de metade da população de Moçambique. Seria então de esperar a existência de um conjunto significativo de informações sobre esta faixa etária e sobre suas condições de vida [...]. Pelo contrário (infelizmente para os que, assim como eu, se interessam pela infância), a situação é bem diferente. Os estudos relativos às crianças são escassos e difíceis de se encontrar [...] (COLONNA, 2009, p.6).

Marina Pastore (2015) também relata sua dificuldade de encontrar material que contenha informações sobre as crianças africanas. Quando esteve em Matola, cidade de Moçambique, com o intuito de coletar dados para a produção de sua dissertação de mestrado, deparou-se com a ausência de material que expusessem as crianças. Em Pastore (2015) lê-se o seguinte:

Um dos grandes desafios vivenciados na formulação e no desenvolvimento da pesquisa situa-se no bojo mesmo da literatura específica sobre a criança na África. [...] o primeiro levantamento realizado acerca da questão da infância em Moçambique, [...] mostrou-se que é escassa a produção específica de documentos que trazem a criança como foco principal, executando-se alguns documentos oficiais moçambicanos. Percebi, deste modo, que esse material era insuficiente para alicerçar o caminho que pretendia trilhar. Passei a buscar, então, estudos sobre a infância na África, ampliando a pesquisa quanto ao campo empírico e a língua (Português, Inglês) de produção acadêmica. Mesmo assim, a criança raramente aparecem. (PASTORE, 2015, p. 15-18).

As dificuldades apresentadas por estas duas pesquisadoras (Colonna, 2009, Pastore, 2015), que fizeram seus estudos no próprio território africano, mais precisamente em Moçambique, causaram certa apreensão. Se para elas foi complicado encontrar fontes para o embasamento de seus trabalhos, para este trabalho, em apreço, seria praticamente inviável, haja vista que este artigo configura-se como uma pesquisa qualitativa documental, de acordo com Godoy (1995), portanto, seria necessário ter acesso a um número expressivo de documentos, jornais, teses, dissertações para a investigação do fenômeno. E a falta deste material impossibilitaria a realização do trabalho. Felizmente, após muita procura, foi encontrado, na internet, além do artigo de Colonna (2009), e da dissertação de Pastore (2015), algumas produções acadêmicas que continham as informações necessárias à visibilidade e análise do

tema no romance *Terra sonâmbula*, já mencionado anteriormente. Dessa forma, pudemos dar continuidade ao estudo.

Foi constatado, no artigo do psicólogo moçambicano Sande (2015), que criança, na África, de acordo com a Convenção dos Direitos da Criança-CDC (2006), é qualquer indivíduo entre 0 e 18 anos, no entanto, em Moçambique, existe a Resolução de nº 19/90, a qual estabelece que, a partir dos 15 anos, a criança passa a ser considerada jovem e este, portanto, apto ao trabalho.

Desse modo, o conceito de infância vigente no Ocidente, o qual estabelece a idade mínima de dezoito anos para exercer alguma atividade trabalhista, não se aplica ao contexto Moçambicano. Muitas crianças assumem a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos ou mesmo de outras crianças da família, antes mesmo dos 15 anos. Colonna (2009) afirma que esta prática é muito comum e bastante difundida entre as famílias dos bairros periféricos de Maputo. Porém, isso não significa que estas crianças não possuem infâncias. Pelo contrário, elas apenas vivenciam-na de maneira diferente daquelas que só estudam e brincam, “Uma vez que a condição da infância é, em qualquer sociedade, bem expressiva da realidade social no seu conjunto [...]” (COLLONA, 2009, p.10).

A ruptura da fase infantil e imersão no mundo adulto, no Ocidente, é verificável pela idade. Na África, mais especificamente, em Moçambique, isto também é juridicamente observado, porém, segundo a organização *Save the children* (2007)², a prática dos rituais de iniciação também configura-se como fator determinante para essa mudança de fase. Tais ritos tem como objetivo preparar as crianças para a vida adulta. Portanto, um indivíduo que não tenha passado pelos ritos, mesmo sendo adulto, em termos de idade cronológica, é considerado ainda uma criança.

Esta tradição cultural africana é um dos muitos aspectos que diferenciam as crianças moçambicanas das ocidentais. Neste contexto, fica claro que o conceito de infância não é único, mas plural, e querer compreender a infância africana, considerando apenas os padrões estabelecidos pelo Ocidente, não é, somente, um equívoco, mas, também, um grande paradoxo conceitual. Sarmiento e Pinto seguem essa mesma linha de raciocínio:

O estudo das crianças fora dos respectivos contextos sociais de pertença poderia iludir numa categoria comum a existência de diferenças essenciais à

²Save the Children (International Save the Children Alliance) é uma organização não governamental de defesa dos direitos da criança no mundo, ativa desde 1919, dedicando-se tanto a prestar ajuda humanitária de urgência como ao desenvolvimento de longo prazo, através do apadrinhamento de crianças.

O apadrinhamento humanitário consiste em prover as necessidades da criança, permitindo que continue no seu meio familiar, sua cultura e seu país. Disponível em < <https://www.savethechildren.net/> > acesso em: 19/07/2017

compreensão dos seus modos diversos de agir socialmente. Parece por isso indispensável considerar na investigação da infância como categoria social a multivariabilidade sincrónica dos níveis e factores que colocam cada criança numa posição específica na estrutura social. (SARMENTO E PINTO, 1997, p. 11).

Partindo desse conceito de que a infância só pode ser compreendida considerando-se os aspectos sociais, culturais e também regionais da criança, este trabalho observará as infâncias presentes em *Terra sonâmbula* (2008) respeitando os limites da realidade construída dentro do Romance.

4- O contexto de guerra em *Terra Sonâmbula* (2008)

O romance *Terra Sonâmbula* (COUTO, 2008) apresenta aspectos do pós-Independência de Moçambique, país imerso em conflitos políticos internos nesta ocasião. A obra foi publicada inicialmente em 1992, ano em que chegava ao fim a guerra civil que durou dezesseis anos.

A narrativa se passa em dois planos que inicialmente parecem distintos, mas que, no decorrer das histórias, se entrecruzam. Mia Couto, brilhantemente, vai tecendo os fios dos destinos dos personagens intercalando-os entre uma narrativa e outra.

No primeiro plano, o foco principal é a história de um menino que foi resgatado da morte por um velho. Em meio aos flagelos da guerra civil, num campo de refugiados, quando o garoto e outras crianças eram colocados em uma cova rasa, um senhor chamado Tuahir percebe que ele ainda respira e então o salva. A partir deste momento, os dois iniciam uma longa e penosa jornada rumo ao (des)encontro do futuro. “Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante”. (COUTO, 2008, p. 02)

Muidinga, assim lhe nomeou Tuahir, em homenagem a seu primeiro filho que havia morrido nas minas do Rand, não se lembrava de nada que havia ocorrido em sua vida. Não mais se reconhecia, não sabia falar, andar, nem mesmo pensar. O velho Tuahir precisou lhe ensinar tudo. Foi fazendo isso, no cotidiano do conflito armado, enquanto caminhavam sem destino.

Os dois seguem cambaleantes por uma estrada “morta” (COUTO, 2008, p. 02), até chegarem a um carro incendiado com vários corpos carbonizados, onde resolvem se abrigar. Nesse local, Muidinga encontra, junto a um corpo fora do carro, uma mala com alguns cadernos. É a partir da leitura desses cadernos que se desenrola a segunda narrativa do romance. Nestas páginas, está a trajetória do jovem Kindzu, em andanças, desde sua infância na aldeia até sua morte (leva um tiro), na beira da estrada.

Kindzu vivia, com certa tranquilidade, com o pai, a mãe grávida e os irmãos, em uma aldeia de Moçambique. O lugar era pequeno e calmo, mas nas histórias de Taímo (seu pai), a aldeia “ficava maior que o mundo”, sobretudo porque ele gostava de contar os sonhos e predizer o futuro, e fazia com que o lugar se engrandecesse. (COUTO, 2008, P.06).

Um certo dia, o pai, muito bem vestido e com a voz firme, reuniu toda a família e eufórico informou-lhes da recente conquista da nação. O dia da tão sonhada Independência havia chegado. Como forma de festejar, chamou a esposa e, tocando sua barriga disse: “— Esta criança há-de ser chamada de Vintecinco de Junho”. (COUTO, 2008, 07), data em que ocorreu a Independência. A criança representava metaforicamente a renovação da esperança. O nascimento de uma nova vida coincidia com o renascimento da nação, assim, dias melhores estariam por vir.

Foram séculos de luta pela libertação de Moçambique (ficção) do domínio colonialista lusitano. Muitas vidas foram ceifadas para que finalmente o povo moçambicano voltasse a ser livre, porém, a liberdade não durou muito, logo vieram rumores de uma guerra civil que se concretizara no barulho dos tiroteios que cada vez mais se aproximavam. Enfim, a guerra chegou e tudo definiu. A alegria das crianças foi substituída pelo medo; os sonhos, por pesadelos e a vida, por uma quase morte. (COUTO, 2008, p.07)

A destruição causada pela chegada da guerra é refletida na desintegração da família de Kindzu. Primeiro, seu irmão Junhito é transvestido de galinha pelo pai, para que não seja alcançado pelos tentáculos dessa força devastadora e desaparece. Em seguida, seu pai morre embriagado; por fim, a mãe não resiste a tanto sofrimento e enlouquece.

O sumiço de Junhito, “símbolo” da Independência, se revela aparentemente como alegoria do aniquilamento da nação moçambicana, diante dos desdobramentos da guerra. “Foi o que fez esta guerra: agora todos estamos sozinhos, mortos e vivos. Agora já não há país.” (COUTO 2008, p. 153).

A ficção se aproxima da realidade ou a realidade se aproxima da ficção? Moçambique (real) é um país localizado no sudoeste do continente africano que viveu por mais de dois séculos sob o domínio português. A exploração portuguesa, no território moçambicano, teve início em 1752 e só terminou em 1975, após um longo período de luta armada. Segundo Christophe Wondji:

Enquanto as colônias britânicas e francesas da África Ocidental haviam todas alcançado a sua independência em 1965, a Guiné Bissau e as ilhas do Cabo Verde, assim como as duas outras colônias portuguesas, Angola e Moçambique, não conseguiriam derrubar o colonialismo português senão em 1973 e 1974. Ademais, embora a conquista da independência nas outras

colônias da África do oeste tenha, em seu conjunto, sido pacífica mediante a realização de mesas- redondas e debates entre partidos, no que tange à África portuguesa, por sua vez, ela foi longa, violenta e sangrenta, transformando-se em uma verdadeira guerra de libertação. (WONDJI, 2010, p. 218-219)

Após a conquista da independência (1975), o movimento de libertação denominado Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), criado em 1962 para lutar contra o domínio português, assumiu o poder e estabeleceu um Estado unipartidário. Proibiu a oposição partidária, desintegrou instituições educacionais, religiosas. Em represália, surgiu um movimento rebelde armado a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) que com o apoio dos governos de Rodésia (atual Zimbabwe) e África do Sul contrapôs-se ao novo governo, dando início a uma devastadora e sangrenta guerra civil, conforme palavras de Adriano Nuvunga (2000):

As origens da Renamo, conhecida inicialmente pela sigla MNRI remontam ao período imediatamente posterior à independência de Moçambique em 1975. A formação deste grupo armado de oposição à Frelimo, composto essencialmente por antigos soldados moçambicanos das forças especiais do exército e da polícia política portuguesas, foi impulsionada pelas autoridades rodesianas. Embora a origem e a ação militar da Renamo durante os primeiros anos da sua existência, estejam diretamente ligadas aos interesses rodesianos e sul-africanos, isso não significa que se possa reduzir a essa dimensão exterior. (NUVUNGA, 2000, p.02)

As consequências acarretadas pela guerra civil em Moçambique são, aparentemente, bem próximas das apresentadas em *Terra Sonâmbula* (2008). O deslocamento da população; a perda de identidade; a desumanização; o desflorescer da infância, todos esses elementos estão presentes na narrativa. “É como se a guerra que se seguiu à independência e que terminou com a assinatura do Acordo Geral de Paz em quatro de outubro de 1992 apenas fosse recuperada nas páginas do romance do autor”. (PAIANI, 2013, p.207)

Foi esta realidade transfigurada de uma nação destruída pela guerra civil que serviu de cenário para a narrativa de *Terra Sonâmbula* (2008). Essa transfiguração sugere a sinérgica “irrealização do real e torna-se real no imaginário” (LIMA, 2006, p. 283) que, ao mesmo tempo, “empresta ao tematizado uma aparência de realidade” (LIMA, 2006, p. 284). Assim, o romance não apresenta a realidade, mas a transmuta dando veracidade aos fatos dentro da ficção.

5- *Terra Sonâmbula* (2008): “infâncias fragmentadas”

A infância em *Terra Sonâmbula* (2008) serve como base tanto para o desenrolar das complexas narrativas como para a construção do significado de ser criança, no contexto de guerra.

Existem dois momentos cruciais para a representação da infância na narrativa. O primeiro refere-se ao período anterior à guerra, e o segundo ao tempo presente do conflito. Desse modo, a infância de um mesmo personagem não transcorrerá da mesma forma nos dois períodos. Nesse caso, de acordo com Colonna (2009), a infância é construída considerando-se o lugar histórico-social específico no qual a criança está inserida.

Tem-se, na obra, relatos de três infâncias que foram fragmentadas pela guerra, a saber: Kindzu, Muindiga e Junhito. O primeiro (Kindzu) inicia a escrita do seu primeiro caderno reportando-se à sua vida de criança na aldeia, onde, sem pressa, divertia-se e aprendia com a contagem de histórias de seu pai.

E assim seguia nossa criancice, tempos afora. Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável [...] O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. (COUTO, 2008, p. 06).

O segundo (Muidinga) tem sua vida contada, a partir da perda da identidade e o terceiro (Junhito) nasce no calor da Independência e desaparece em meio aos descaminhos proporcionados pela guerra civil. Estas três vivências se direcionam para a constatação de uma tenra infância, antes do surgimento da guerra.

No uso da expressão “tenra infância” a pesquisa não faz referência à ideia globalizante de infância ocidental, que possui suas bases nos ideais das classes médias norte-americanas e europeias, de crianças, empenhadas apenas em estudar e brincar (COLONNA, 2006, p.19). Aqui, é feita menção àquela infância desenvolvida no bojo sociocultural, no qual a criança é reconhecida como sujeito produtor, capaz de captar, elaborar, interpretar e desenvolver conhecimentos a partir de suas relações com a realidade do lugar em que habita, (KRAMER, 2006).

Os conflitos bélicos perpassam a trajetória desses três personagens, resignificando suas existências. Os acontecimentos catastróficos que foram produzidos pela guerra e vivenciados por Kindzu, ainda criança, influenciaram seu desenvolvimento e seu devir.

No período localizado antes da guerra, Kindzu era uma criança que vivia uma infância aparentemente feliz. “[...] nós, meninitos, sentados nas dunas. Escutávamos o marmulhar das ondas, na quebra do horizonte, enquanto esperávamos ver a baleia”. (COUTO, 2008, p. 10),

aqui, é evidente uma proximidade com o pensamento de Rousseau (1995), que considera a infância como um período próprio da vida da criança e favorável ao seu desenvolvimento.

A chegada da guerra causa uma mudança brusca na vida de Kindzu. Sua família é completamente desfeita. Após a morte de seu pai, o desaparecimento do irmão caçula e a loucura da mãe, ele rompe os laços com a terra natal, com a família. Fica totalmente sem referências e então parte dali, sem destino definido. A guerra anula o sentimento de pertença, o indivíduo passa a viver uma espécie de exílio, tanto interior como exterior. Nesse caso, seguindo o pensamento de Pastore (2015) a mudança na concepção de infância torna-se perceptível no deslocamento do personagem do espaço social habitado, antes da guerra para uma nova realidade, qual seja, o espaço do conflito.

Muidinga apresenta-se como uma criança que perdeu tudo. Os conflitos haviam lhe atravessado o íntimo e apagado a base material da sua existência. Tudo fora esquecido: seu lar, sua família, até mesmo sua identidade. Foi forçado pelas circunstâncias a coabitar com os mortos. Ainda não é adulto, mas não se enxerga como criança. Sua infância fora violentada de todas as formas possíveis.

De acordo com o relatório “Os impactos dos conflitos armados nas crianças”, elaborado por Graça Machel (1996), ex-ministra da Educação de Moçambique e ativista dos direitos humanos, os efeitos da guerra sobre o reconhecimento do universo infantil pelas próprias crianças são devastadores, merecedores de uma preocupação universal. Sobre essa necessidade global de proteção à infância a ex-ministra comenta o seguinte:

O impacto dos conflitos armados nas crianças tem de ser preocupação de todos e é da responsabilidade de cada um: Governos, organizações internacionais e cada elemento da sociedade civil. Cada um de nós, cada indivíduo, cada instituição, cada país, tem de encetar e apoiar uma ação global para proteger as crianças. As estratégias têm de reforçar-se e de ser reforçadas através da mobilização internacional³. (MACHEL, 1996. p.73)

Esta expressiva recomendação para com a proteção das crianças decorre do fato de que, durante os conflitos bélicos, os infantes ficam mais vulneráveis e expostos. Seus direitos legais e culturais são cotidianamente violados e suas infâncias corrompidas.

Com idêntica constatação na narrativa, a passagem da fase infantil à adulta acontece em Moçambique também através dos ritos de iniciação. No sexto capítulo, “Idosas Profanadoras”, Muidinga é forçado a passar por um desses rituais. Ao invadir, involuntariamente, uma cerimônia, na qual homens eram proibidos de entrar, o garoto é violentado. Essa ação, sofrida por ele, configurou-se como seu rito de passagem para a vida

adulta. Por estar em meio à devassidão da guerra, Muidinga não havia ainda feito essa transição, seu direito cultural de inserção à vida adulta foi vetado.

Assim como na guerra ficcional, Muidinga foi forçado a participar de um ato nefasto, nos conflitos reais as crianças também são expostas a ações de extrema violência. Um exemplo é o caso das crianças soldado da Colômbia, Peru, Moçambique e República Democrática do Congo, que em depoimentos revelam terem sido obrigados a beber o sangue e a comer o coração das vítimas (SINGER, apud, TABAK, 2009, p. 44). Neste caso, a violação da infância, a partir da participação forçada das crianças em atrocidades, serve para alienar e doutrinar os soldados mirins (TABAK, 2009, p. 43).

Esse processo de reconfiguração da personalidade é tão forte que, ao fim dos conflitos, as crianças ex-combatentes, muitas vezes, não conseguem libertar-se dos comportamentos adquiridos durante o período que lutaram e tornam-se pessoas excessivamente violentas e indiferentes ao valor da vida humana. Quanto a esse fato, Tabak (2009) esclarece:

A iniciação destes jovens soldados em um contexto de violência e conflito armado, portanto, é um processo de reconfiguração de identidade cuidadosamente orquestrado com a finalidade de romper os laços com a sociedade e de transformar meninos e meninas em assassinos impiedosos. Dessa forma, as crianças, muitas vezes, cometem atos que a moral e os valores proibiriam na vida civil. (TABAK, 2009, P, 43).

A alienação sofrida pelas crianças recrutadas forçosamente foi também vivida pelo personagem Junhito quando foi obrigado, pelo pai, a se transfigurar em galinha e a cocoricar. Nessa fabulação de Mia Couto, possivelmente, o objetivo do pai era subverter a ação dos aliciadores: enquanto as crianças soldados eram demenciadas para participarem da guerra, Junhito era alienado para não servir à guerra.

No plano ficcional da narrativa, identificam-se três infâncias dilaceradas pela força arrasadora da guerra e, no plano da realidade, milhares. Em Moçambique, conforme Tabak (2009, p. 101), “mais de um quarto das tropas era constituída de crianças soldado”.

Diante de tal constatação, é de se retomar as questões iniciais deste trabalho. A criança na África pode ser compreendida em modos idênticos aos do Ocidente? Em qual paradigma apresentado é possível enquadrar essas infâncias?

Considerando a multiplicidade de realidades aqui expostas e entendendo a infância como uma categoria mutável na qual são agregados os valores sociais, culturais, religiosos, político-econômicos e históricos da criança, chega-se à conclusão de que é praticamente

impossível analisar/entender a criança africana nos moldes ocidentais ou enquadrar suas infâncias, considerando um único paradigma. Para cada criança existe um tipo de infância. Sarmiento (2008) salienta que ao se estudar a infância, nunca se deve deslocar a criança de sua realidade, pois é somente nela que a criança se encontra completa.

6- Considerações finais

Neste trabalho, discute-se o conceito de infância no Ocidente e também em África; sua fragmentação diante do contexto de guerra, mais especificamente, da infância de Muidinga e Junhito no romance *Terra Sonâmbula* (2008), bem como o aliciamento forçado de crianças.

As análises aparentemente permitem perceber que a infância pode ser entendida e vivenciada de diferentes formas e que, para analisá-la e/ou compreendê-la, deve-se considerar a criança como parte integrante dos contextos sociopolíticos, culturais, religiosos, geográficos e históricos da sociedade a qual ela esteja inserida. Desta maneira, inevitavelmente, o conceito ocidental de infância será diferenciado do conceito africano. Assim sendo, a criança africana não poderá ser compreendida em modos idênticos aos do Ocidente e, da mesma forma, a criança ocidental não se encaixará nos moldes africanos ou em outros quaisquer.

Este estudo se direcionou para o entendimento de que o ambiente gerado, a partir dos conflitos armados, destrói a infância e corrompe as crianças. A guerra influencia negativamente na construção da personalidade, caráter e identidade das crianças. Em *Terra Sonambula* (2008), Muidinga é a personificação da identidade perdida; Kindzu, do apagamento do sentimento de pertença e Junhito, da desumanização. No caso da guerra real, tem-se a metamorfose da personalidade dos meninos soldados pelo processo de doutrinação.

Assim, chega-se ao final deste trabalho com mais questionamentos que respostas. Como evitar que as crianças sejam envolvidas nos conflitos armados? Como anular ou mesmo minimizar os efeitos da guerra sobre elas? De que forma assegurar seus direitos de construção de uma infância “feliz”? Estas inquietações ficarão para novos desdobramentos em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.

BORGES, M. M. *Terra Sonâmbula: identidade e memória nos (des)caminhos do sonho*. Belo Horizonte, 1996. PUC MG.

COLONNA, Elena. *O lugar das crianças nos estudos africanos: reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique*. Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 2, n. 4, p. 3-23, 2009.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais*, Revista de Administração de Empresas, v.35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun.: São Paulo, 1995.

KRAMER, Sônia. *A infância e sua singularidade*. In: BRASIL. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade. Brasília: FNDE, 2006.

LIMA, Luiz, Costa. *História. Ficção. Literatura*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACHEL, G. (1996). *Promotion and Protection of the Rights of Children: Impact of Armed Conflict on Children*. Report of Graça Machel, Expert of the Secretary General of the United Nations, Nova York, A/50/60.

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Eds.). *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.

NUVUNGA, Adriano. *Experiências com Partidos Políticos em Novas Democracias: O deixa andar no quadro institucional em Moçambique*. Cadernos ADENAUER VIII, n. 3, 2000.

PAIANI, Flavia Renata Machado. *A escrita da história de Moçambique no romance Terra sonâmbula, de Mia Couto*. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

_____. *A escrita da história em Terra Sonâmbula de Mia Couto*. História da Historiografia, n. 13, p. 204-218, 2013.

PASTORE, Marina Di Napoli. *Sim! Sou criança eu! ” Dinâmicas de socialização e universos infantis em uma comunidade moçambicana*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional. Universidade Federal de São Carlos. 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou, Da educação*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANDE, Ricardo, Elias. *Crianças na perspectiva africana*, 2012.

<<https://pt.scribd.com/document/264857305/Reexaminando-a-Psicologia-SANDE>> Acesso em 16/07/2017 às 13:30hs.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. As crianças: contextos e identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

_____. *Sociologia da Infância: Correntes e Confluências*. In M. Sarmiento, & M. C. Gouvea, *Estudos da Infância* (pp. 17-39). Petrópolis, RJ: Vozes. 2008b

SILVA, A. C. da. *A infância da palavra: um estudo comparado das personagens infantis em Mia Couto e Guimarães Rosa*. São Paulo. 2000. USP.

TABAK, Jana. *As Vozes de Ex-Crianças Soldado: Reflexões Críticas Sobre o Programa de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração Das Nações Unidas*. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp118644.pdf>
Acesso em: 12/07/2017 às 16: 45hs.